



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

De uma invenção antropológica: poéticas de um fazer com a cidade e suas imagens

Autoria: Alice Diógenes Olimpio Dote Sá (UFC - Universidade Federal do Ceará)

No fazer antropológico com a cidade, o caminho se faz ao caminhar. Atraem-me imagens nômades, que mobilizam e são mobilizadas pelo movimento. As escritas urbanas (frases e palavras que deslizam pelas superfícies citadinas em pixações, estênceis, lambe-lambe) são imagens passantes, infixas, fugidias, convocando tanto quem as cria como quem é por elas afetado ao deslocamento. Perceber tal movência impeliu-me a adotar métodos de pesquisa que consideram as maneiras pelas quais elas existem e se fazem ver. Em caminhadas pelas ruas do Centro de Fortaleza/CE, coloco-me à cata desses rastros, sendo o andar-encontrar-fotografar um disparador de outros encontros. Habitar os entremeios, portanto, é uma questão de ?objeto? e de método, caracterizando um tipo de ?conhecimento ambulatório? que surge de uma disposição ao ?fazer com? (INGOLD, 2015). Esse é também um movimento de abertura às possibilidades do campo, de modo que a contaminação pela qual a cidade procede disparou-me o desejo de relacionar-me com ela de outras maneiras, como através do audiovisual e do desenho, além de também intervir em suas superfícies. Experimentando deslocamentos também metodológicos, inventei outras táticas (CERTEAU, 1994), maneiras



de provocar encontros com a cidade e as imagens que a habitam e, também, de produzi-las. Compreendo, assim, a imagem não somente como ?objeto?, nem como ?representação? do que vemos em campo, mas como produção. Descobridores e fazedores de imagem, inventamos modos de riscar e recriar a cidade na medida em que nos misturamos a ela, como num corpo-a-corpo amoroso, sendo a própria produção antropológica uma via dessa criação. Assim, entre as múltiplas grafias das escritas urbanas, fotografia, audiovisual, desenho, intervenção, criei uma combinatória de métodos-táticas que caracteriza a ?poética? de um fazer (e de um saber) antropológico com as imagens da cidade caminhante. Tateio também essas linguagens, experimentando novamente os entres e descobrindo algo nas suas dobras. Por isso, operando uma ?montagem? entre elas, criei uma ?mesa de imagens? (DIDI-HUBERMAN, 2018) virtual, uma outra superfície onde elas dispõem-se e atravessam-se: [cidadecaminhante.tumblr.com](https://www.tumblr.com/cidadecaminhante). Ali, intento partilhar os caminhos da pesquisa por outras vias, ao dar passagem às imagens em uma forma visual de conhecimento. Busco, na comunicação proposta, trazer as experimentações desse fazer no qual, arriscando uma ?invencionática? antropológica, fui criando uma poética da pesquisa, ou seja, um modo de fazer, de dizer, de partilhar, em suma, de inventar maneiras de implicar-se na e com a cidade através do fazer antropológico, que pode ser entendido, assim, como um movimento generativo, uma ?uma voz de fazer nascimentos?, como diz o poeta Manoel de Barros (2015).

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: